

# M O R A R N A R U A

percepção espacial e dinâmica de ocupação na cidade de João Pessoa

Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Tecnologia  
Curso de Arquitetura e Urbanismo  
Estágio Supervisionado I

Discente: Dayane de Melo Almeida  
Orientadora: Carolina Silva Oukawa

João Pessoa\_2022

“(...) quem fala de habitar não fala apenas da questão do abrigo, fala de um habitar que transcende as necessidades básicas do ser humano.”

Luis Carlos Barreiros Bártolo

## r e s u m o

O morar pode ser compreendido como elemento central da prática da arquitetura. A sua origem está intrinsecamente ligada à primeira noção de abrigo, a qual é a referência mais antiga que explica o surgimento da própria arquitetura. Partindo desse princípio, a pesquisa se fundamenta em voltar o olhar para o morar que não tem casa, *o morar na rua*. Os dados do primeiro censo da população em situação de rua de João Pessoa (2020) subsidiam o mapeamento realizado nesse trabalho e permitem captar as dinâmicas de ocupação e perfil dos moradores da rua na cidade de João Pessoa, colaborando para o conhecimento do fenômeno de desabrigamento e auxiliando a levantar questões sobre essa organização na cidade e como a arquitetura pode vir a servir esse grupo através de ensaios projetuais que expandam a compreensão do que pode ser projetar para quem mora na rua.

**Palavras-chaves:** Morar na rua. Abrigar. Ensaios Projetuais. Mapeamento. João Pessoa.

## s u m á r i o

|   |    |
|---|----|
| i n t r o d u ç ã o . . . . .   | 7  |
| a q u e s t ã o d o a b r i g a r e a r u a . . . . .                   | 8  |
| p r e g r e s s o d o s m a p a s . . . . .                             | 12 |
| m a p e a m e n t o . . . . .   | 18 |
| a p o n t a m e n t o s p a r a e n s a i o s p r o j e t u a i s . . . | 25 |
| c o n s i d e r a ç õ e s f i n a i s . . . . .                         | 27 |
| r e f e r ê n c i a s . . . . .   | 28 |
| a p ê n d i c e - e n s a i o s p r o j e t u a i s . . . . .           | 29 |

## l i s t a d e f i g u r a s

|   |    |
|---|----|
| Figura 1: Gráfico da população em Situação de rua no Brasil entre os anos de 2012 e 2020. ....  | 10 |
| Figura 2: Diagrama de exploração do mapeamento (Localização e relação abrigo x concentração de pessoas). ...                                    | 12 |
| Figura 3: Mapa dos bairros que foram registrados moradores de rua no censo de João Pessoa (2020). ....  | 12 |
| Figura 4: Diagrama da relação tipológica entre o bairro de Jaguaribe, Centro e Bessa. ....  | 13 |
| Figura 5: Mapa localização dos moradores de rua no bairro do centro e áreas de maior concentração. ....   | 14 |
| Figura 6: Mapa localização dos moradores de rua no bairro do Bessa e área de maior concentração. ....   | 15 |
| Figura 7: Mapa localização dos moradores de rua no bairro de Jaguaribe e área de maior concentração. ....                                       | 16 |
| Figura 8: Mapa de delimitação do recorte de estudo a partir da análise dos três bairros, Centro, Jaguaribe Bessa.<br>.....                      | 17 |
| Figura 9: Mapa de relação entre o Centro POP I e a localização de entrevista dos moradores de rua no bairro do<br>Centro. ....                  | 19 |
| Figura 10: Mapa de distribuição de gênero dos moradores de rua no bairro do Centro. ....  | 20 |
| Figura 11: Mapa do cruzamento das variáveis (gênero e com quem vive na rua) com foco no público feminino. .                                     | 21 |
| Figura 12: Mapa de distribuição de gênero dos moradores de rua no bairro do Centro. ....  | 22 |
| Figura 13: Mapa de distribuição do tempo que vive na rua dos moradores de rua no bairro do Centro. ....   | 23 |
| Figura 14: Diagrama de proposta de ensaio com base no arranjo da quantidade de unidade de pessoa para abrigar<br>e sua proporção espacial. .... | 24 |
| Figura 15: Mapa de distribuição de com quem vive na rua os moradores de rua no bairro do Centro. ....   | 24 |
| Figura 16: Diagrama de combinação arquitetônica para ensaios projetuais. ....   | 25 |

## i n t r o d u ç ã o

Caracterizado como um fenômeno essencialmente urbano, *morar na rua* deriva de uma ruptura entre o público e o privado, historicamente ocasionado por uma violação do direito de moradia em função da segregação socioespacial. O crescente aumento da população que vive nas ruas e a negação dos atuais centros de acolhimento evidencia essa problemática social, urbana e arquitetônica. Em contraposição ao cerne da função de abrigar, o *desabrigamento*, aparece como objeto de análise da pesquisa e visa levantar questões de como a arquitetura pode vir a servir esse grupo, através de ensaios projetuais que amplie a compreensão do que é projetar para quem mora na rua, expandindo o campo de conhecimento sobre o usuário, seus anseios, necessidades, cultura, ocupação e outras singularidades que são inerentes a prática de quem mora e quem já morou na rua.

O presente relatório de estágio I faz parte da pesquisa desenvolvida em paralelo com o trabalho de conclusão de curso. Essa fase do estudo deteve-se na compreensão da dinâmica espacial na cidade de João Pessoa através do mapeamento que possibilita a visualização espacial dessas ocupações na cidade.

A pesquisa tem a cidade de João Pessoa como objeto de estudo, com fins de aproximação e compreensão das dinâmicas de ocupação desse grupo na escala da cidade, apresentando dados quantitativos e espaciais que auxiliem nos direcionamentos de ensaios projetuais, estimulando o pensamento arquitetônico para as possibilidades da forma de abrigar.

O mapeamento utiliza como fonte de dados o primeiro censo da população em situação de rua na cidade de João Pessoa (2020) realizado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A primeira edição do censo revela e confirma a concentração na área central da cidade, e o aumento de pessoas vivendo na rua pós covid-19.

Com isso, a pesquisa se desenvolve em 3 etapas: (1) abordagem teórica sobre a moradia na rua e a questão do abrigo, (2) mapeamento e caracterização da temática sob a ótica da cidade de João Pessoa e, por fim (3) a abordagem do ensaio projetual como elemento de exploração da forma de pensar arquitetura para as pessoas que moram nas ruas.

## a q u e s t ã o d o a b r i g a r e a r u a

No memoroso poema de Manoel Bandeira “O bicho” é revelado um entranhamento que denuncia um modelo de cidade e fratura social pertencente aos centros urbanos em função de um sistema econômico que potencializa um abismo social e degradação de condições de vida do ser humano. Apesar de escrito em meados da década de 40 e passados 80 anos, a mensagem transmitida em tom de protesto ainda se faz presente na realidade brasileira.

*“Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.*

*O bicho, meu Deus, era um homem.”*

*O bicho – Manuel Bandeira, 1947*

No terceiro verso em busca da identificação de qual bicho se trata o poema, o eu-lírico cita alguns bichos tipicamente encontrados nas ruas dos centros urbano e surpreende ao revelar no último verso se tratar de um homem – que na imagética moral do leitor não deveria viver nas ruas, mas sim em casas.

A subversão *da lógica* de locação do homem no contexto de moradia revelada pelo poema, evidencia a ruptura da relação público e privado e o caráter transgressor daquele que tem o direito social básico da moradia violado.

Apesar de expor cenários da *vida privada* na esfera da vida pública, o ambiente de visibilidade recebe um filtro de [in]visibilidade, atrelado ao sentimento de estranhamento e rejeição no olhar do outro. Andrade *et al.* (2014), no entanto, pontua um caráter contraditório nesse pensamento, tendo em vista que os moradores de rua são um evento essencialmente urbano, que não há outro lugar de pertencimento e reconhecimento a não ser exatamente a dinâmica da esfera pública.



Cabe refletir sobre o que de fato incomoda nessa transgressão do espaço privado e público: e se o grupo que rompesse essa lógica, fosse um grupo favorecido economicamente, causaria o mesmo estranhamento e rejeição?

A reflexão acima parece ir de encontro com o neologismo de “aporofobia” conceituado e delimitado pela filósofa espanhola Adela Cortina (2020) como “sistema de rejeição a pobreza e as pessoas sem recursos.” Ou seja, são considerados como indesejáveis aqueles que não têm nada a oferecer no sistema de trocas econômicas e sociais.

É desejável que o indesejável não seja visto. É nesse sentido, da remoção dessas pessoas da rua e do disciplinamento social, que caminha as tomadas de gestão e políticas pública. Esse movimento de higienização urbana fez – e faz parte do processo de modernização e urbanização das cidades, em função do crescimento populacional inversamente proporcional ao planejamento e desenvolvimento. A preocupação sanitária e a saúde da população eram tidas como a questão central da problemática. No entanto, a preocupação “estética” teve tanto peso quanto, nesta gestão do território.

Do controle social à exclusão da classe mais baixa, os objetivos do estado parecem estar claros e colaboram para a desigualdade social, espacial e econômica. O rearranjo encontrado por essa população para garantia de um lugar acabou sendo os cortiços, as favelas, a periferia da cidade e, por fim – as ruas.

Os dispositivos de apoio assistenciais para a população que tem o logradouro público como lugar de moradia são os albergues, os abrigos e as casas de acolhimento temporário. Contudo, parece que esses espaços de abrigo não suprem as demandas da problemática enfrentada, seja na função de diminuição das pessoas que vivem nas ruas, seja pela própria identificação e sentimento de pertencimento aquele lugar que promoveriam mudanças significativas no cotidiano e vida dessas pessoas.

Em âmbito nacional, também no ano de 2020, o censo SUAS (Sistema Único de Assistência Social) apontou um crescimento de 139% da população que vive nas ruas entre os anos de 2012 e 2020 no Brasil. Isso evidencia uma problemática sócio urbana e uma des-funcionalidade no atual modelo de abrigos encontrados na cidade, uma vez que deveriam promover a queda nessa porcentagem e estreitar a relação de desigualdade social.

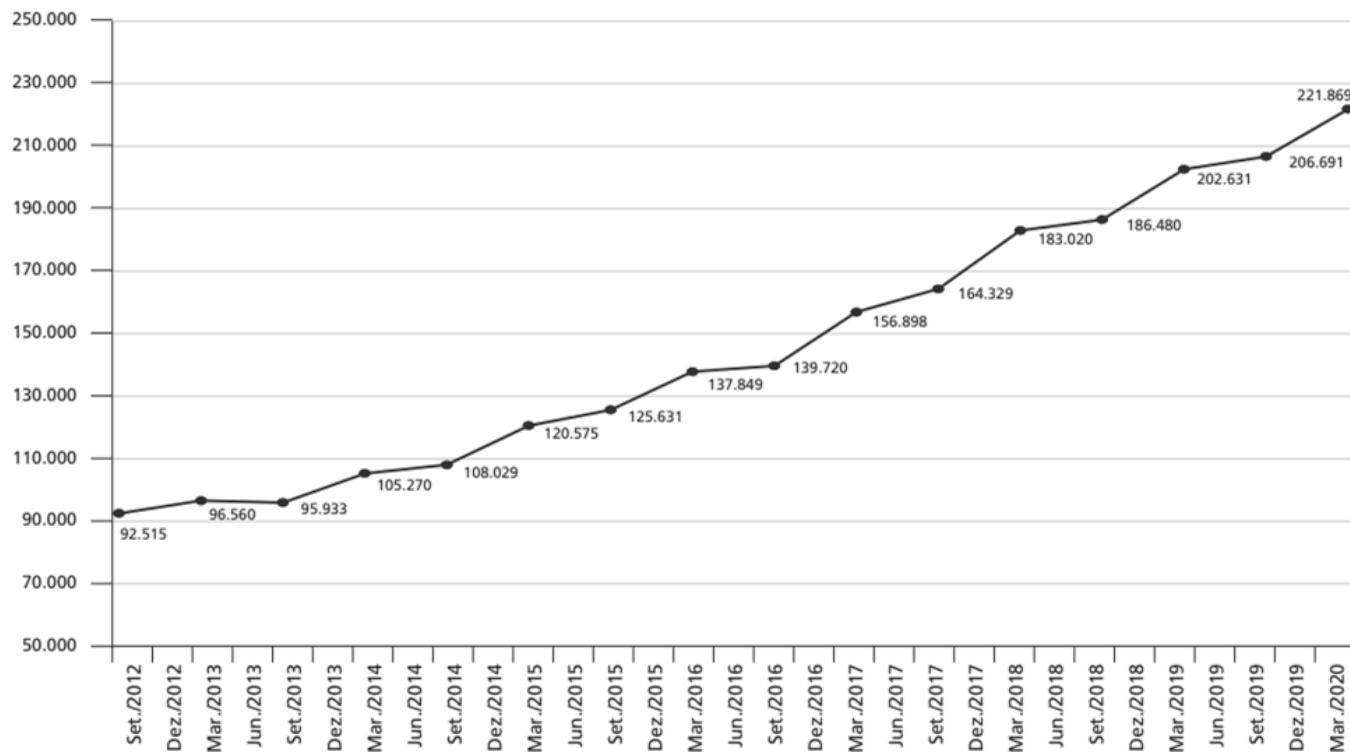


Figura 1: Gráfico da população em Situação de rua no Brasil entre os anos de 2012 e 2020.

Fonte: Censo SUAS, 2020.

Os motivos e causas que explicam esse fenômeno são diversos, tendo como característica do grupo a heterogeneidade. A própria definição dada pela Política Nacional para a População em Situação de Rua engloba essa variável sendo conceituado como morador de rua o, “grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, a fragilidade dos vínculos familiares e a ausência de moradia convencional regular (...)” (BRASIL, 2009).

Ghirardi *et al.* (2005) atribui uma classificação de três estados da relação de permanência desse grupo na rua: ficar na rua, estar da rua e ser da rua. E Andrade *et al.* (2014) resume da seguinte forma:

*“Ficar na rua é ainda preservar e manter uma rede de relações de suporte. Estar na rua é estruturar progressivamente um novo cotidiano que tem como referencial o espaço público, com seus moradores e usuários. Ser da rua é tornar este espaço seu cotidiano real, tendo a rua como moradia e local de trabalho, ir se desvinculando gradativamente das suas redes sociais de suporte e aderindo aos códigos que imperam nas ruas.”*

*(Andrade et al. 2014)*

Há ainda dentro desse grupo heterogêneo aqueles que escolhem morar nas ruas por um caráter nômade, um “estilo de vida” conforme afirma Bordieu (2003). No entanto, é importante salientar que a intrínseca relação de vulnerabilidade, segregação e economia é a que compõe majoritariamente o grupo que vive nas ruas. Ou seja, a própria classificação do morador de rua é também aquela que não tem posse de um lote, que percorre a questão da propriedade privada, a qual é a base de estruturação de valoração do atual sistema econômico.

A própria desvalorização da palavra rua está atrelada a essa lógica econômica, que pela definição encontrada no dicionário Aurélio (1999) de língua portuguesa colabora para a valoração do espaço privado em detrimento do espaço público. A definição do verbete rua encontrada é a seguinte: “(...) 04. *Fig.* A ralé, a plebe. (...) 08. V. olho da rua. 09. Exprime despedida ríspida, violenta: Vá-se, suma-se, fora: – *Rua, espertalhão!*”

Nesse sentido de olhar para o *desabrigamento* que acontece sobretudo nas ruas da cidade é que surgem algumas questões que circunda o trabalho.

Cabe entender sobretudo, o que é o abrigo? O que é preciso para abrigar? Qual o limite entre o abrigo mínimo e o hostil? Como a arquitetura se relaciona com essa demanda? Em outras palavras, a questão principal que pode ser levantada é: como se abriga o ser humano? Alcançado seus anseios psicofísicos, sociais e simbólicos, principalmente em condições de vulnerabilidade.

## progresso dos mapas

O primeiro intuito ao pensar no mapeamento dos moradores de rua na cidade de João Pessoa, é de saber onde estão agrupados e levantar possíveis hipóteses do porquê dessa localização. Assim como, qual a influência da localização dos centros assistenciais nessa distribuição espacial.

Conforme os dados do primeiro censo da População em Situação de Rua de João Pessoa, as áreas de maior concentração estão ao norte da cidade e os bairros que apresentam maior concentração de entrevistados são: o Centro com 76 entrevistados (27%), o Bessa com 63 entrevistados (23%) e em Jaguaribe com 48 entrevistados (17%).

A identificação geográfica dessas concentrações é um importante elemento de diagnóstico especial que fundamenta tomadas de decisões para futuros ensaios projetuais, assim como, é uma informação significativa para planejamento e gestão do território.

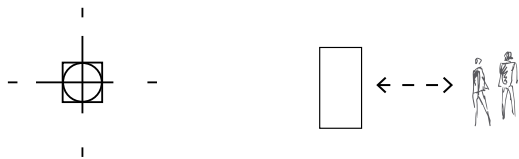
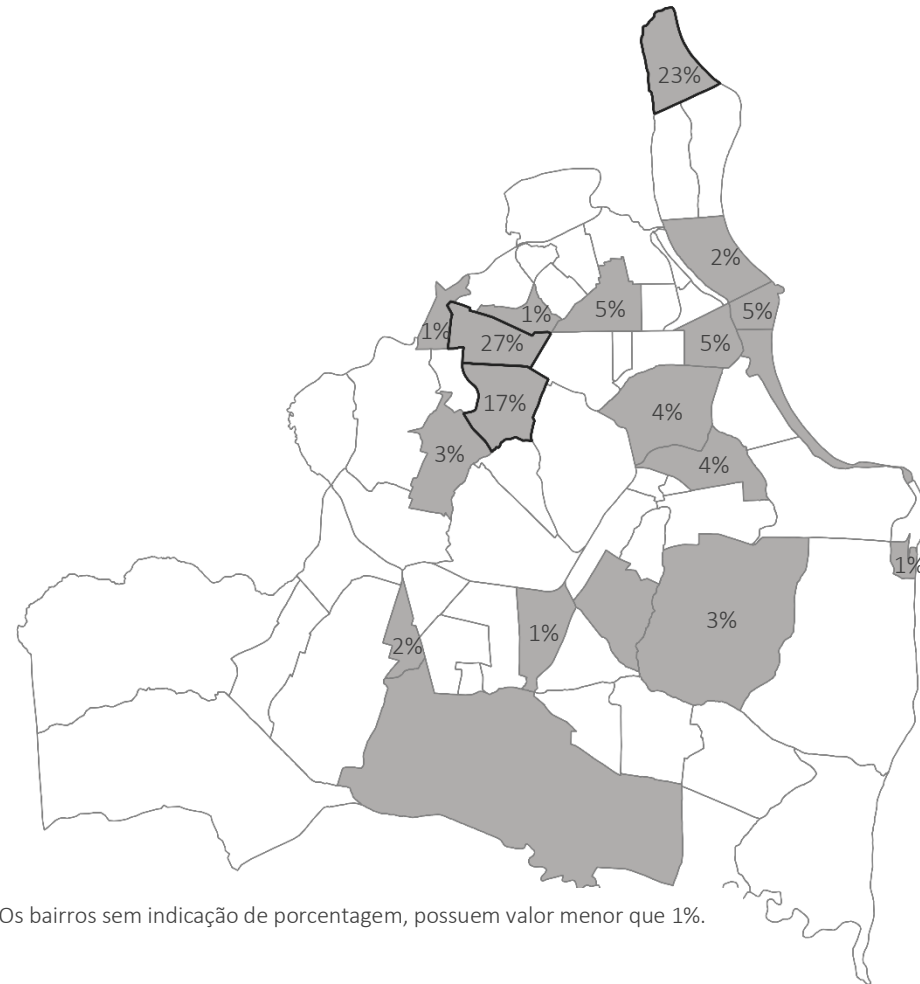


Figura 2: Diagrama de exploração do mapeamento (Localização e relação abrigo x concentração de pessoas).

Fonte: Elaborado pela autora.



Obs: Os bairros sem indicação de porcentagem, possuem valor menor que 1%.

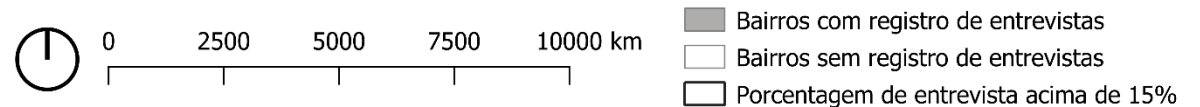


Figura 3: Mapa dos bairros que foram registrados moradores de rua no censo de João Pessoa (2020).

Fonte: Elaborado pela autora.

Para análise de aproximação desses dados, o recorte de estudo levou em consideração a expressividade das distribuições e concentração dos entrevistados, assim como, os traços característicos dos bairros, de forma que permitisse uma análise comparativa promissora.

Com isso, surgiu a possibilidade de investigar através do mapeamento e dos ensaios projetuais as respostas para a questão: qual seria a diferença de pensar o *abrigar* para o Centro, para o Bessa e para o Jaguaribe?

Partindo do princípio tipológico, o bairro do Centro carrega o caráter institucional, a intensa atividade durante o dia e o baixo percentual de moradia, o bairro de Jaguaribe apresenta como características principal o mix de uso residencial e institucional, em função da proximidade com o Centro, e o Bessa, mais distante geograficamente desses dois, apresenta a localização na orla, um parcelário regular e um padrão econômico superior.

O mapeamento dessas regiões, além de sondar os porquês desses bairros apresentarem maior registro de permanência durante o censo, levanta questões sobre as dinâmicas de agrupamento e concentração nesses bairros.



Figura 4: Diagrama da relação tipológica entre o bairro de Jaguaribe, Centro e Bessa.  
Fonte: Elaborado pela autora.

centro 27%

A distribuição e dispersão espacial da localidade das entrevistas no bairro do Centro, acontece de forma geral, em todo o bairro. No entanto, existem 4 pontos de concentração, sendo eles: (A) O Mercado Central de João Pessoa; (B) Praça João Pessoa; (C) Colégio Lyceu Paraibano e (D) Centro POP I.

A concentração de moradores de rua na região central da cidade é uma característica semelhante a outros centros urbanos, em função de uma “degradação” devido a novas centralidades e oferta de novas moradias em outras localidades. Com isso, o desgaste físico, econômico e social da área central pode ser que proporcione um espaço de identificação para a população que vive em situação de vulnerabilidade social, que começam a ocupar os espaços que são negados pelo setor econômico da cidade.



Figura 5: Mapa localização dos moradores de rua no bairro do centro e áreas de maior concentração.  
Fonte: Elaborado pela autora.

## b e s s a 23%

No bairro do Bessa, o mapa de dispersão e distribuição dos moradores de rua se configura de forma concentrada. Esse fator pode ter acontecido devido duas variáveis: o período de Covid-19 e o aluguel de uma pousada no primeiro ano de isolamento social para abrigo temporário da população em situação de rua.

O censo foi realizado no ano de 2020 e nesse período, as recomendações sanitárias de segurança da saúde consistiam no isolamento social, em função do vírus da Covid-19. Como medida provisória para controlar a maior crise sanitária das últimas décadas, foi alugado pela prefeitura municipal de João Pessoa a Pousada Golfinhos 2, que serviu como abrigo temporário da população que vive na rua, expressando, dessa forma, a área de concentração apresentada no mapa.

A elevada porcentagem desse grupo no Bessa, chamou atenção por ser um bairro localizado na orla de João Pessoa e com um poder aquisitivo médio-alto. Na pesquisa não foi possível identificar o bairro usual de moradia dessas pessoas antes do atual local da entrevista.

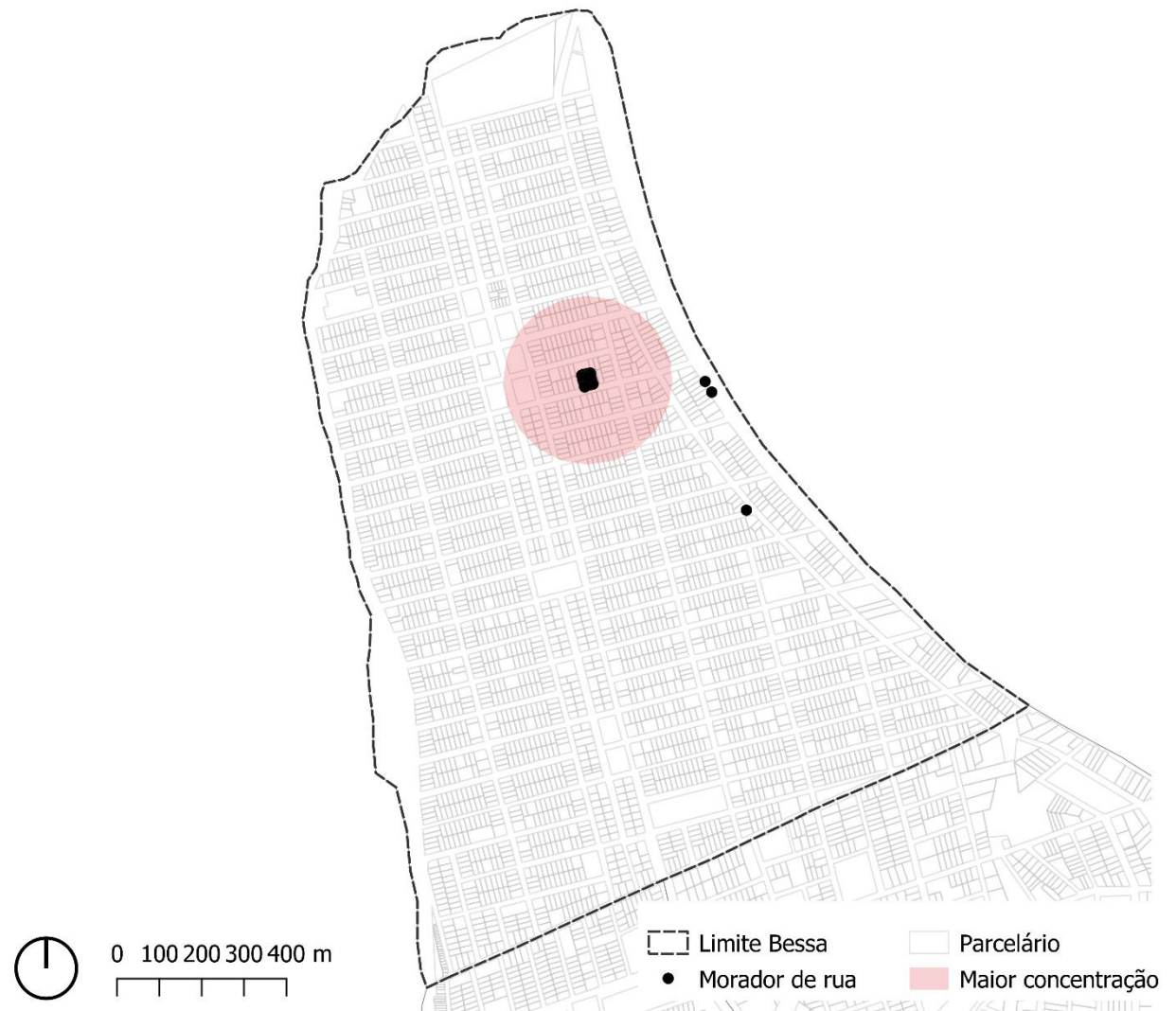


Figura 6: Mapa localização dos moradores de rua no bairro do Bessa e área de maior concentração.  
Fonte: Elaborado pela autora.

## jaguaribe 17%

Em Jaguaribe a distribuição espacial com base no registro do local das entrevistas acontece concentradas em duas áreas: (A) Centro POP II e (B) Praça General João Neiva.

Assim como no bairro do Bessa, a dinâmica de distribuição espacial não pode ser compreendida em sua totalidade devida à ocorrência dos locais de entrevistas. Dessa forma para o bairro de Jaguaribe parece ser mais interessante trabalhar apenas com dados quantitativos do que o mapeamento de dispersão.



Figura 7: Mapa localização dos moradores de rua no bairro de Jaguaribe e área de maior concentração.  
Fonte: Elaborado pela autora.



Após investigação inicial da dispersão dos pontos de localização do entrevistado durante o censo de João Pessoa (2020) nesses três bairros da cidade, concluiu-se que não seria interessante para a pesquisa prosseguir com a explanação e caracterização de outros mapas temáticos para o bairro de Bessa e Jaguaribe, por não conseguir captar a dinâmicas e distribuição espacial de ocupação nesses limites.

A análise da amostra de 67% dos entrevistados no censo englobado nesses três bairros, permite entender a forte relação da localização dos moradores de rua em relação a proximidade com os centros assistenciais. Vale salientar sobretudo, que pode haver regiões de concentração acentuada sem a necessidade um centro de apoio, como é o exemplo da zona (Manaíra, Tambaú e Miramar) que corresponde 12% dos entrevistados.

Esse dado evidencia a possibilidade de exploração arquitetônica além dos eixos de maior concentração desse grupo, demonstrando que não necessariamente precisa haver um local fixo para pensar os ensaios.

A fim de aproximação e captura da essência da relação desse grupo com a rua, a pesquisa foca no bairro do Centro, o qual permite uma visualização gráfica melhor da distribuição espacial dos entrevistados.

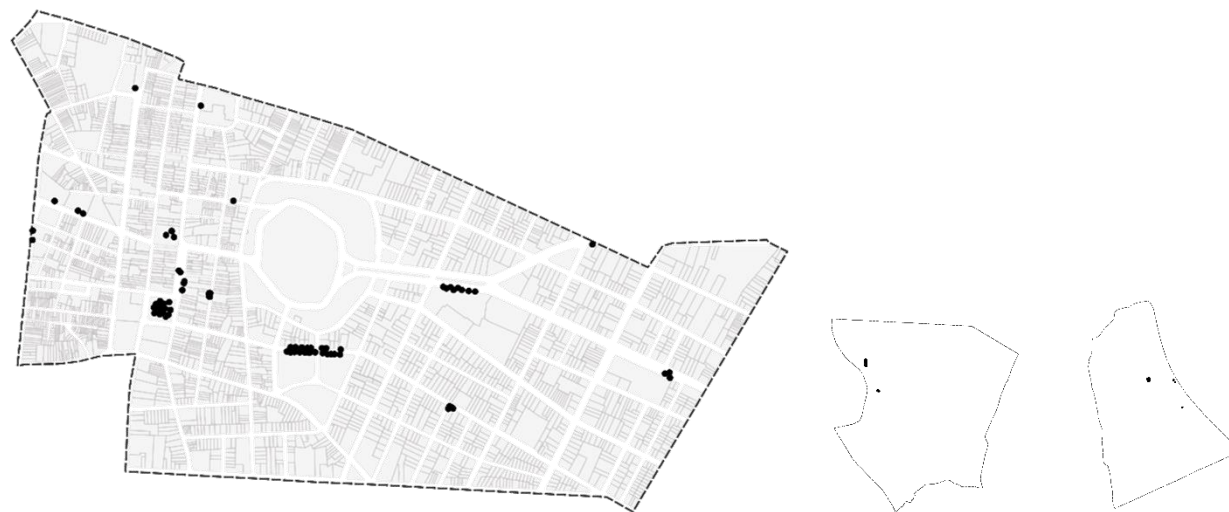


Figura 8: Mapa de delimitação do recorte de estudo a partir da análise dos três bairros, Centro, Jaguaribe Bessa.  
Fonte: Elaborado pela autora.

m a p e a m e n t o

## influência centro pop I

Adentro as especificidades do bairro do Centro e a relação da assistência social na localização e distribuição espacial dos moradores de rua, foi traçado um raio de 250 e 500m a partir do Centro POP I, para averiguar a relação de proximidade e distância média caminhável para eventuais suportes assistenciais.

A maior parte do público entrevistado tem facilidade de deslocamento até o Centro POP I, ficando fora do raio de abrangência apenas a área de concentração (C: Colégio Lyceu Paraibano) identificada na figura 03.

É interessante destacar o caráter migratório do morador de rua, com isso, um *insight* para ensaios projetuais é pensar uma rede/sistema que contemple ao longo da cidade vários pontos com raios de abrangência de uma distância média caminhável que possa suprir as necessidades desse grupo em diferentes localidades.

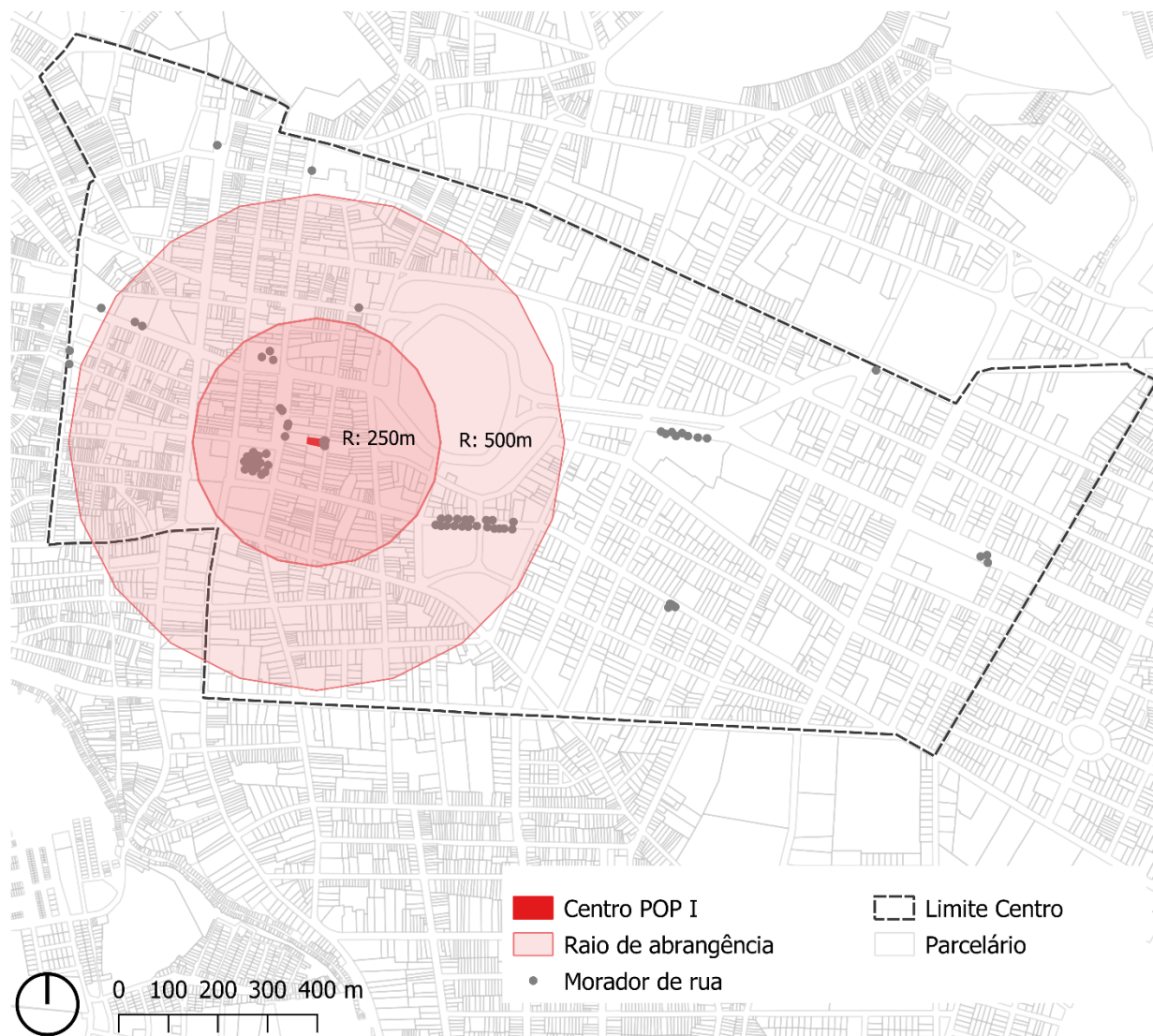


Figura 9: Mapa de relação entre o Centro POP I e a localização de entrevista dos moradores de rua no bairro do Centro.  
Fonte: Elaborado pela autora

## distribuição espacial: gênero

A identificação da distribuição espacial e da proporção do gênero que vive nas ruas é um importante indicativo projetual e de análise da própria cidade, que de forma geral, se apresenta como um ambiente hostil para mulheres e crianças. A proporção de mulheres que moram nas ruas compõe 13% da amostra para o bairro do Centro.

A concentração dessas mulheres na rua acontece sobretudo em família, rara as exceções vivem sozinhas.

A presença majoritária de homens vivendo na rua aponta que pensar o abrigo para o morar na rua é também pensar o abrigo para homens e em sua maioria sozinhos como aponta o mapa da figura 11, adiante. Uma reflexão válida para análise desse mapa é: como esse abrigo, a princípio individual, seria diferente se focado no grupo de mulheres?

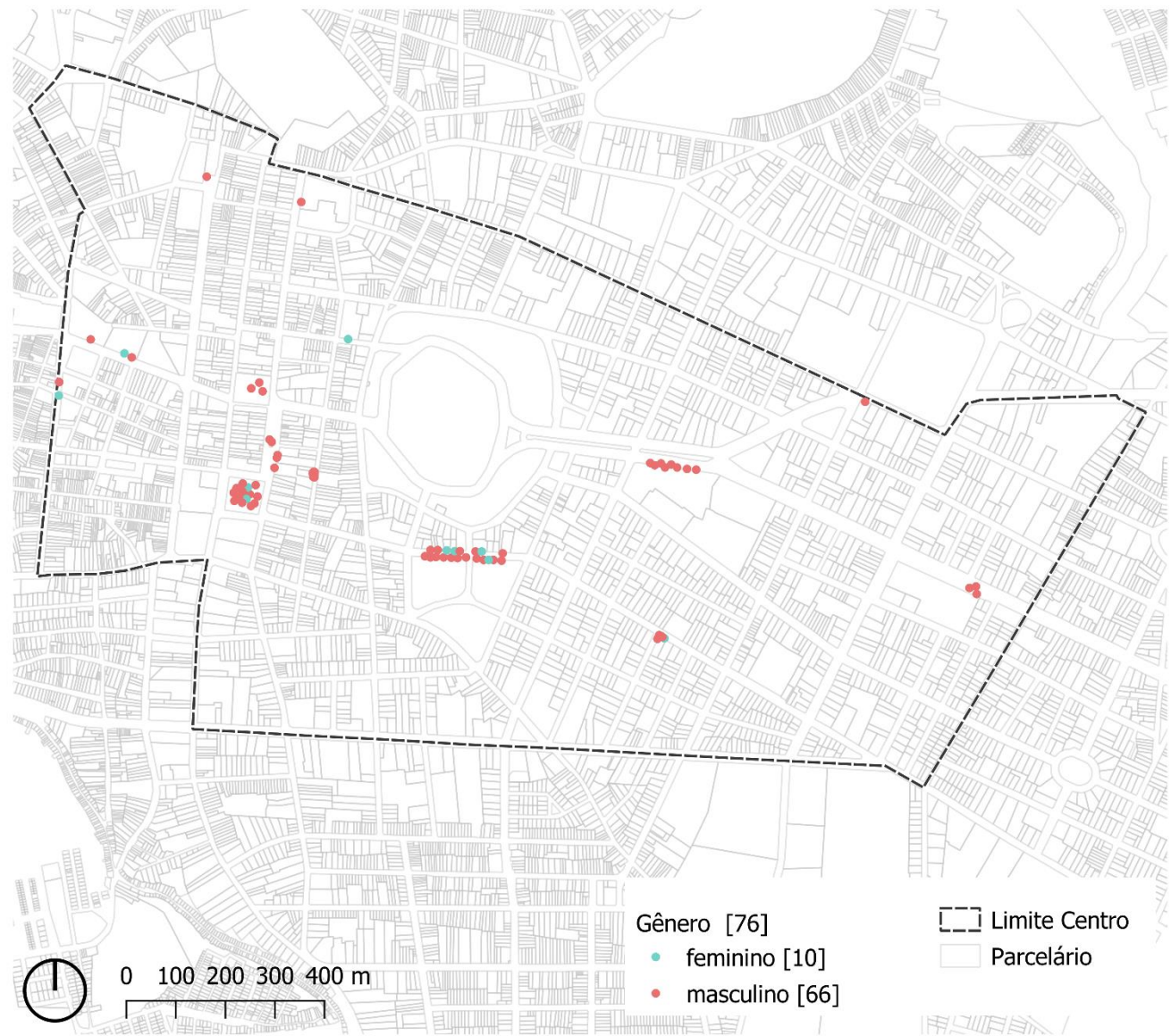


Figura 10: Mapa de distribuição de gênero dos moradores de rua no bairro do Centro.  
Fonte: Elaborado pela autora.

## mulheres que vivem sozinhas na rua

No bairro do Centro, das 10 mulheres identificadas pelo censo que moram na rua, 3 responderam que vivem sozinhas. Dessas, 2 estão identificadas em pontos mais afastados dos locais de grande concentração.

Como já destacado no primeiro capítulo do relatório, o grupo que tem o logradouro público como referência de moradia é um grupo heterógeno. Dentro dessa variedade de público, não se pode deixar de pensar na questão de gênero, uma vez que as cidades são espaços majoritariamente pensada por homens e feitas para homens. Com isso, dentro de um grupo que está numa condição de vulnerabilidade social, existe subfatores que potencializam os graus de relação com essa rua.

Visualizar essa variável de “mulheres que moram sozinha na rua” permite pensar em possíveis estratégias arquitetônicas que volte o olhar para *corpos* que historicamente habitam a cidade sob uma restrição de liberdade.

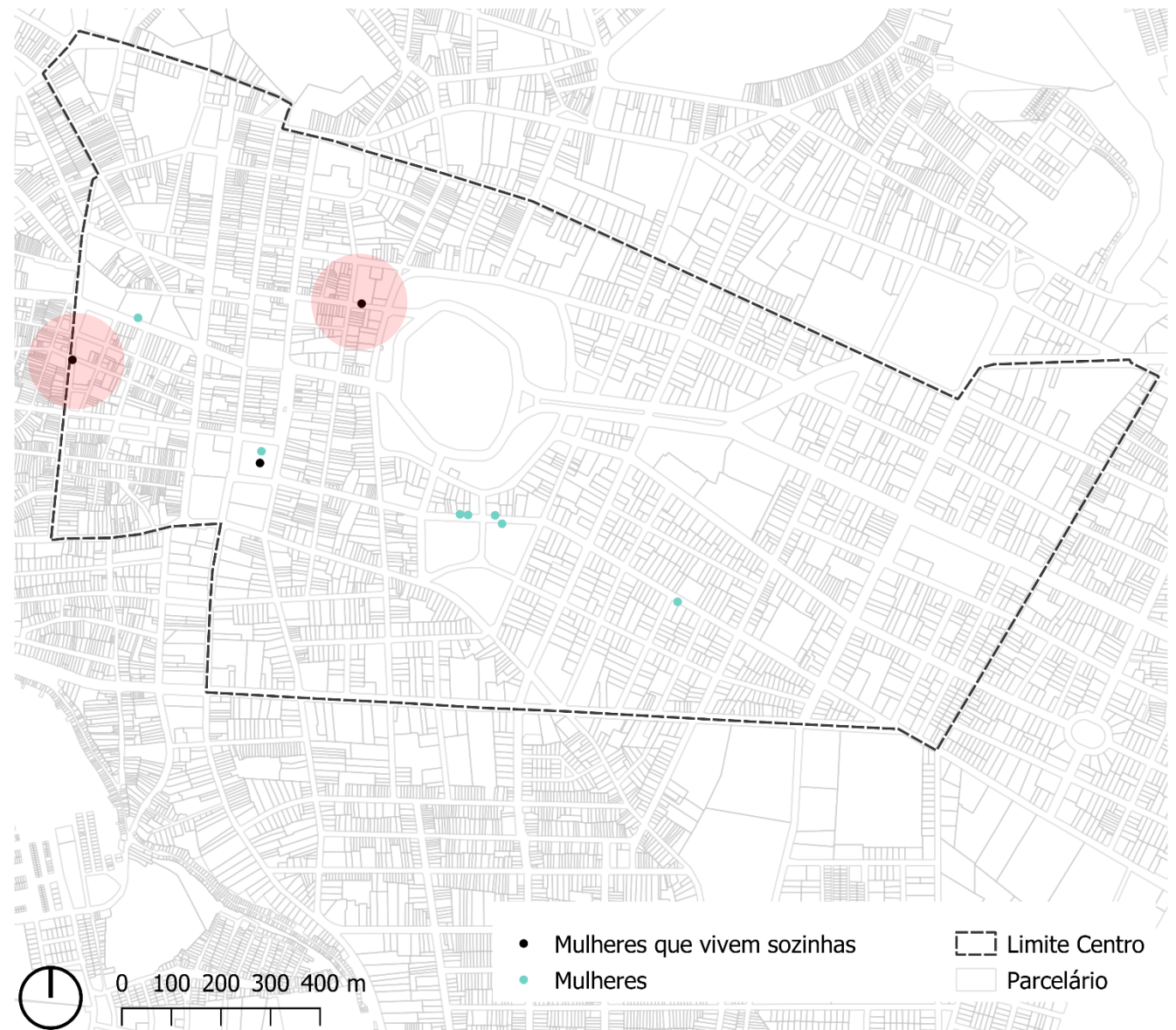


Figura 11: Mapa do cruzamento das variáveis (gênero e com quem vive na rua) com foco no público feminino.  
Fonte: Elaborado pela autora.

## distribuição espacial: etnia

A distribuição quanto à etnia dos moradores de rua no bairro do Centro é em sua maioria parda e preta, representando 77% da amostra total e sua distribuição é diversa nos diferentes pontos de concentração.

A identificação de etnia e o mapeamento podem ser um indicador de aspectos culturais a serem explorados como diretrizes projetuais, potencializando o sentimento de pertencimento a um espaço de abrigo através de elementos da cultura que faz parte e sentindo para determinado grupo.

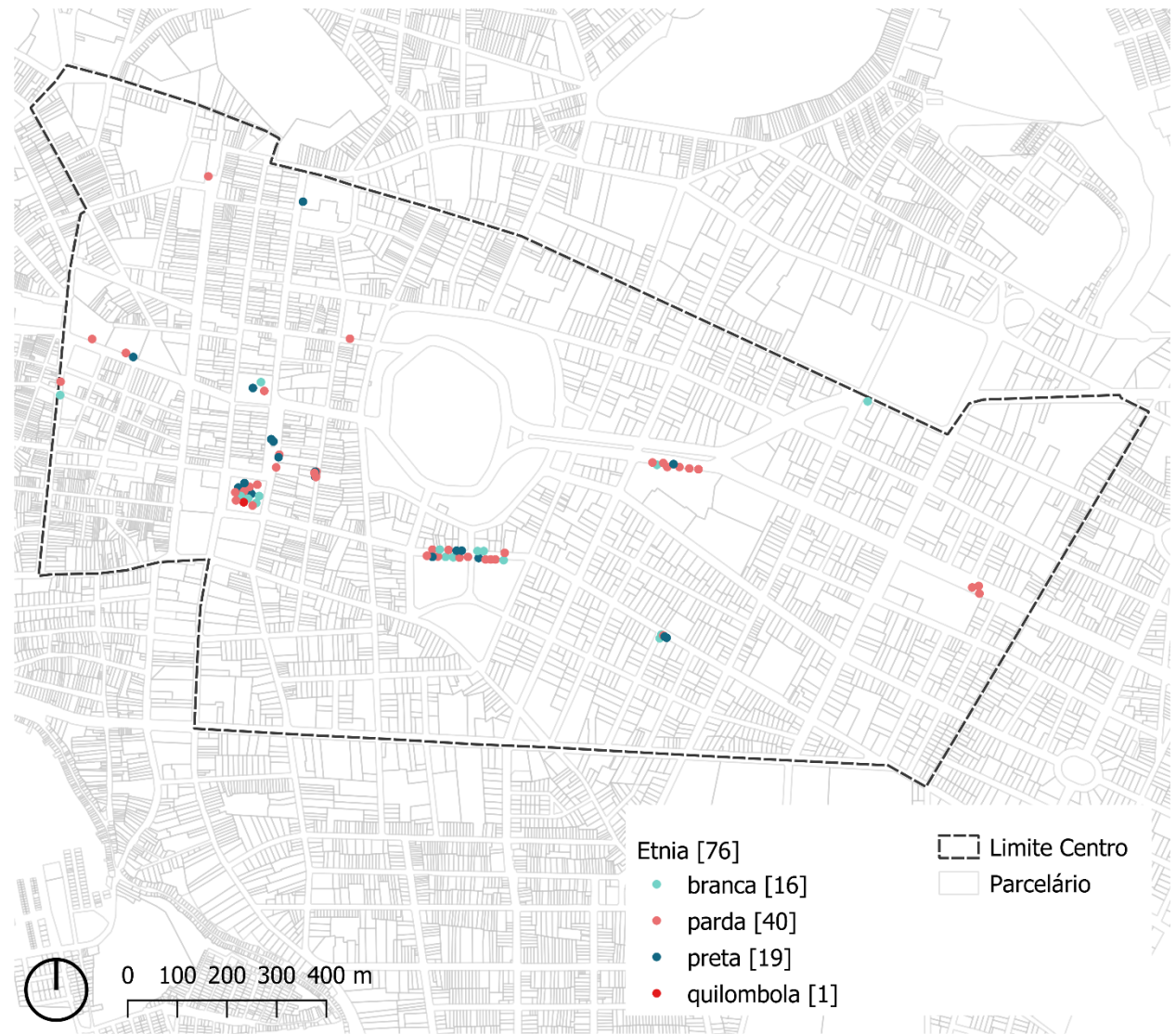


Figura 12: Mapa de distribuição de gênero dos moradores de rua no bairro do Centro.  
Fonte: Elaborado pela autora.

## distribuição espacial: tempo que vive na rua

Partindo da reflexão: os que vivem há mais tempo na rua tem uma percepção diferente da dinâmica da cidade e já se localizam em um ponto estratégico ou específico? O que esse ponto tem de diferente?

A concentração de quem mora há mais de 10 anos na rua tem como referência o Mercado Central de João Pessoa e os que estão entre 1 e 5 anos se encontram próximos ao Centro POP I. Vale pontuar, o crescimento em função da pandemia, caracterizando 14% da amostra, que passou a viver nas ruas depois do vírus.

O mapa de tempo que esses grupos moram na rua revelam um dado interessante para a prática projetual, tendo em vista o estado de relação com a rua {ficar na rua, estar da rua e ser na rua) conceituado no primeiro capítulo desse relatório, indica o caráter temporal da arquitetura de abrigar.

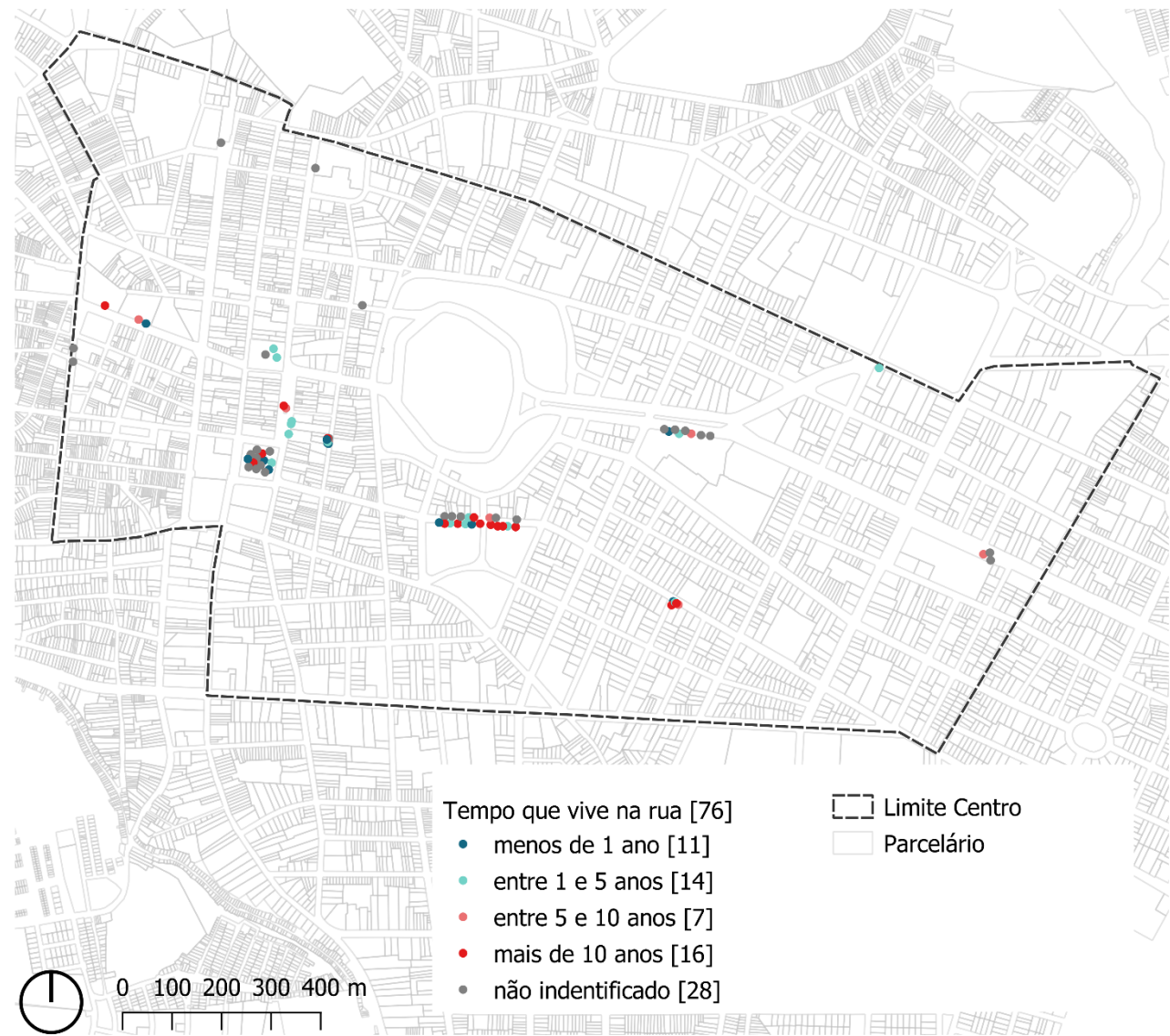


Figura 13: Mapa de distribuição do tempo que vive na rua dos moradores de rua no bairro do Centro.  
Fonte: Elaborado pela autora.

## distribuição espacial: com quem vive na rua

A parte de identificação de com quem se vive na rua revela que 59% dos entrevistados vivem sozinhos. É interessante analisar, que apesar de muitos moradores de rua identificarem sua trajetória na rua como “sozinho”, pela espacialização dos dados com base no local de entrevistas, os mesmos se agrupam em pontos de concentração junto com outros moradores de rua.

Os ensaios projetuais a partir desse mapa, podem caminhar no sentido de pensar se as possíveis unidades de abrigo devem conter 1, 2, 3 ou mais unidades de pessoa, ou até mesmo se o abrigo compartilhado seria uma boa solução. Assim como refletir sobre a diferença do abrigo sozinho, em grupo ou em famílias. E qual é a composição dessas famílias, se são apenas um casal ou uma família com filhos.



Figura 14: Diagrama de proposta de ensaio com base no arranjo da quantidade de unidade de pessoa para abrigo e sua proporção espacial.

Fonte: Elaborado pela autora

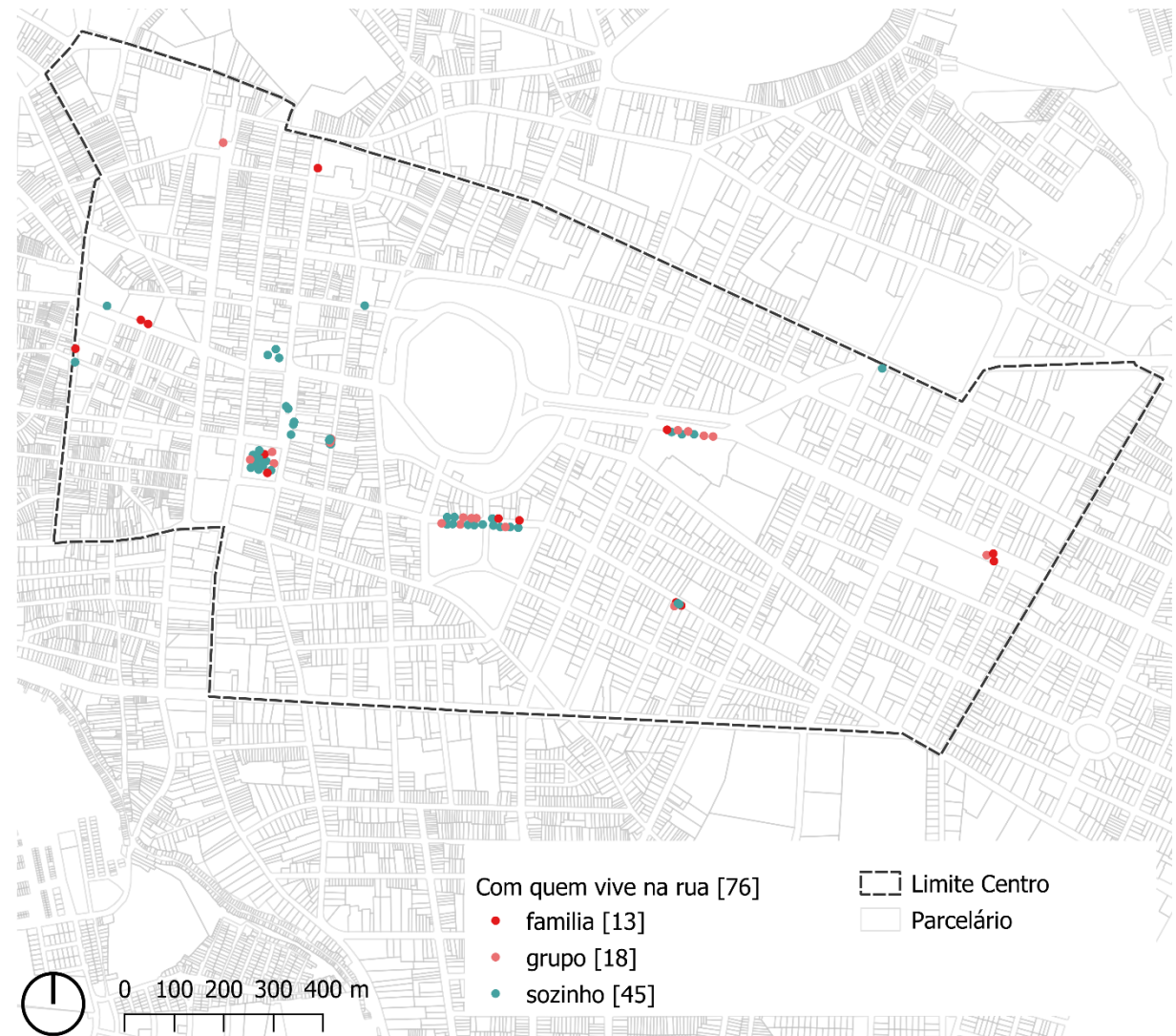


Figura 15: Mapa de distribuição de com quem vive na rua os moradores de rua no bairro do Centro.  
Fonte: Elaborado pela autora.



## apontamentos para ensaios projetuais

O mapeamento atrelado ao pensamento projetual movimenta e estimula as formas de pensar possibilidades para esse abrigar que não é a casa.

Vinculado ao desenvolvimento dos ensaios projetuais e a abordagem quantitativa e espacial dos mapas, surgiu o diagrama de combinação arquitetônica para ensaios projetuais, figura 12.

A representação consiste em uma matriz de possibilidades de ensaios arquitetônicos com base na combinação de diferentes variáveis que movimentem a forma de pensar “o abrigar”, desde escala arquitetônica, a questões programáticas e funcionalidade.

A combinação gera uma variedade de possibilidade que sinalizam possíveis ensaios projetuais, mas destaque, seu caráter de recurso a ser explorado e não uma condicionante para os ensaios.

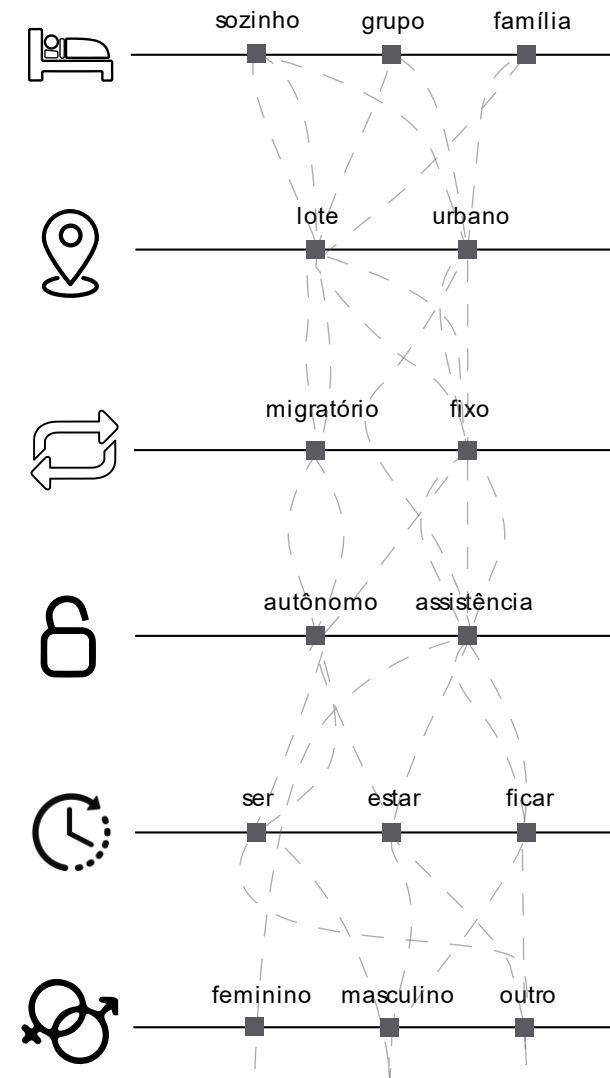


Figura 16: Diagrama de combinação arquitetônica para ensaios projetuais.  
Fonte: Elaborado pela autora.

## d o r m i r

Arelado a primeira noção de abrigo, que tinha como objetivo primordial proteger-se dos intemperes, outra necessidade básica crucial que aparece na dinâmica da vida cotidiana é a necessidade de repouso – de dormir. Nesse sentido, em que o *ser* entra em um estado de vulnerabilidade, essa variável visa atender para a necessidade de uma resposta arquitetônica que o *abrigar* garanta esse repouso de forma segura e confortável, considerando os diferentes modos de configuração para essa dormida.

## l o c a l i z a ç ã o

Quem mora na rua carrega consigo um caráter transgressor de utilização do espaço público, nesse sentido, essa ocupação apresenta singularidades únicas que devem ter sua legitimidade preservada. As duas possibilidades de resposta arquitetônica dentro desse item: dentro do limite do lote ou não, expandem as variáveis para ensaios projetuais e visa sobretudo captar a essência de vida nas ruas.

## f l u x o s

Uma característica intrínseca sobre o morar na rua é o deslocamento. Com isso, as formas de abrigar, deve contemplar essa variável pensando nas possibilidades de percursos desse grupo, ou seja, pode ser que eles se desloquem para voltar em um ponto fixo ou que seus percursos sejam mais imprevisíveis e nesse caso, um *abrigar* de sistema em rede, possa vir a contemplar melhor essa variável.

## a c e s s o

Uma das problemáticas relatada pelos moradores de rua sobre os atuais centros de acolhimento e abrigo na cidade é a burocratização do acesso. Com isso, esse item visa gerar a possibilidade de abrigar-se de forma autônoma, no entanto, reconhece a importância do sistema de assistência social e serviços prestados quando uma etapa “legal” é executada antes do serviço propriamente dito, até mesmo, para dar prosseguimento em outras etapas de acolhimento que transpasse a função da arquitetura.

## r e l a ç ã o c o m a r u a

A relação de permanência com a rua classificada por Ghirardi (2005), evidencia dinâmicas próprias e revela características singulares a cada estado de conexão com a rua, sendo uma variável projetual importante pois identifica as possíveis relações com o espaço do *abrigar*, por exemplo, os níveis de identidade que o lugar deve promover, se há necessidade de guarda de pertences, a temporalidade desse ambiente e outros.

## g ê n e r o

Um fato histórico interessante sobre o processo de socialização dos gêneros é que o homem é educado socialmente para ocupar as dimensões de poder da vida pública e a mulher as funções atreladas ao espaço privado. Como a pesquisa sobre morar na rua, é também, entender a dinâmica do público e do privado, pode ser que esses assuntos tenham uma relação simbiótica bem próxima, até mesmo, pelo número expressivo de homens que moram nas ruas. Além disso, pensar os espaços para abrigar o gênero feminino ou masculino requer um grau de diferenciação.

## c o n s i d e r a ç õ e s   f i n a i s

A elaboração dos mapas permitiu captar fragmentos da realidade de quem mora na rua, na escala da cidade, assim como visualizar uma proporção quantitativa de indicativos que sinalizem caminhos para o desenvolvimento de ensaios projetuais.

A arquitetura pensada com base nos usuários exige uma sinalização de diagnóstico que consiga captar a essência do grupo, de forma que o projeto ou a atividade arquitetônica faça sentido para aqueles que lá se abrigarem. O mapeamento foi uma das ferramentas utilizadas, a fim de aproximar-se do cerne *do que é, e como é o morar na rua*.

A espacialização dos dados do censo através dos mapas partiu de impulso investigatório, que gerou interessantes reflexões e movimentou o pensamento projetual, além disso, foi possível visualizar questões arquitetônicas que poderiam ter sido realizadas no censo para maior compreensão no campo da arquitetura e urbanismo das dinâmicas de ocupação e modos de vida.

## r e f e r ê n c i a s

ANDRADE, L. P. et al. A rua tem um imã, acho que é a liberdade: potencia, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo. Revista Saúde Soc. São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1248-1261, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Decreto n. 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Política Nacional para a População em Situação de Rua. Brasília (DF), 2008.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classes e Estilos de Vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). A Sociologia de Pierre Bourdieu. São Paulo: Olho D'água, 2003.

CORTINA, Adela. Aporofobia, a aversão ao pobre: Um desafio para a democracia, 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999

GHIRARDI, M. I. G. et al. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 9, n. 18, p. 601-610, 2005.

## apêndice - ensaios projetuais

O apêndice do trabalho consiste nos ensaios projetuais realizados através de *croquis* desenvolvidos durante e a partir do mapeamento e processo de pesquisa de exploração do *morar na rua*.

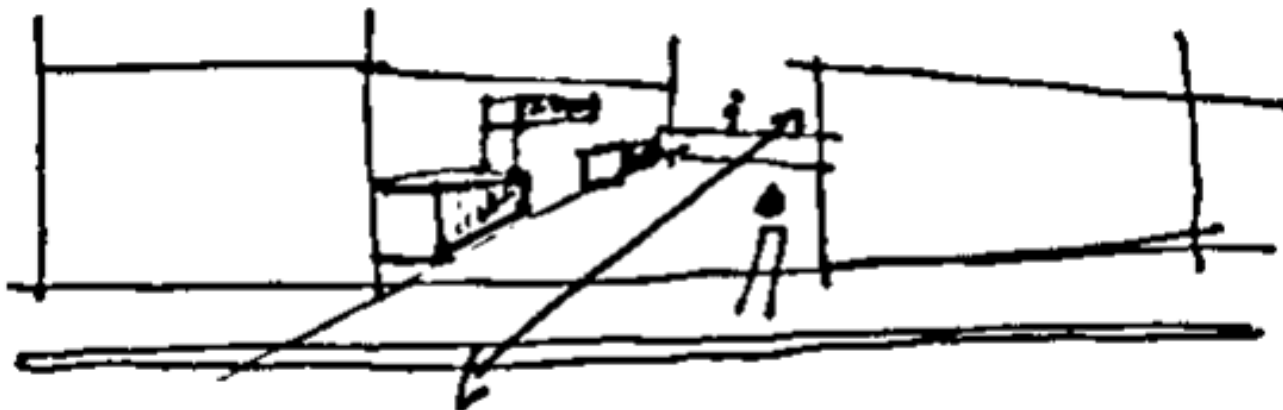
Com intuito investigatório e de romper o pragmatismo da prática projetual, os ensaios percorrem o campo da idealização de cidades utópicas à utilização da arquitetura como crítica política, movimentando o pensamento sobre espaços, cidade, diretrizes projetuais, programa arquitetônico, forma, função e toda complexidade que consiste na prática de projetar.

*ensaiar*

*livre*

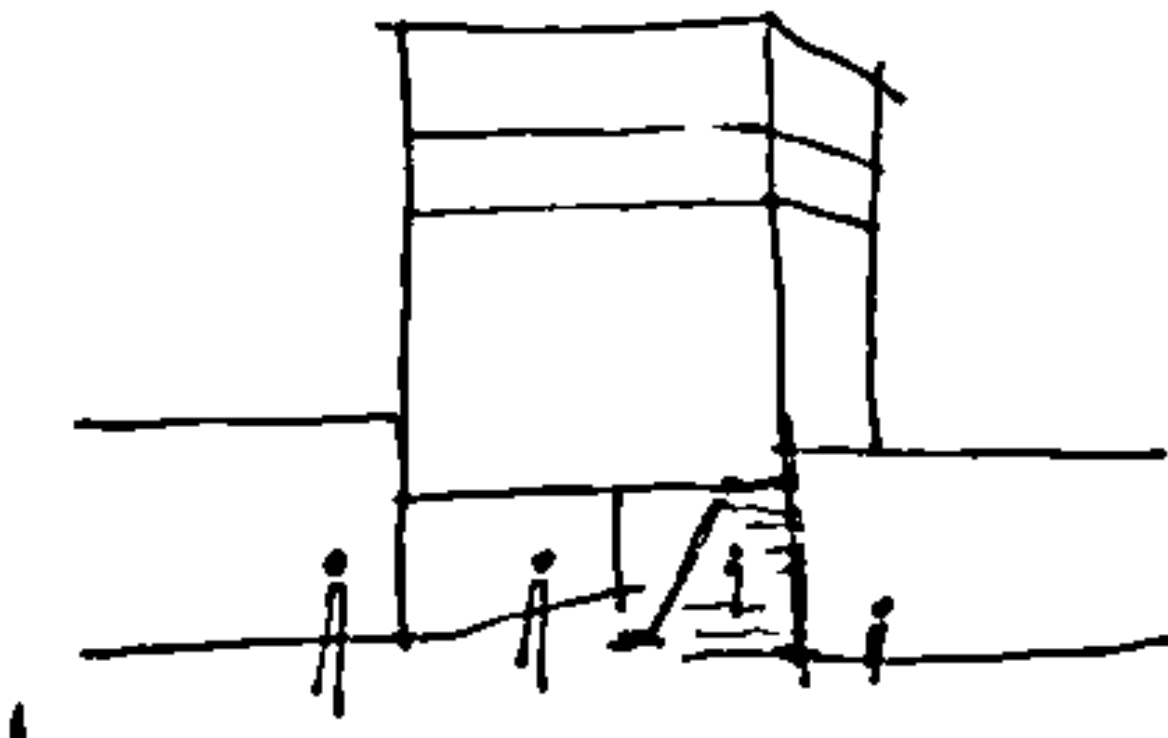
*explorando a potência da arquitetura*

t r a n s p a s s a r



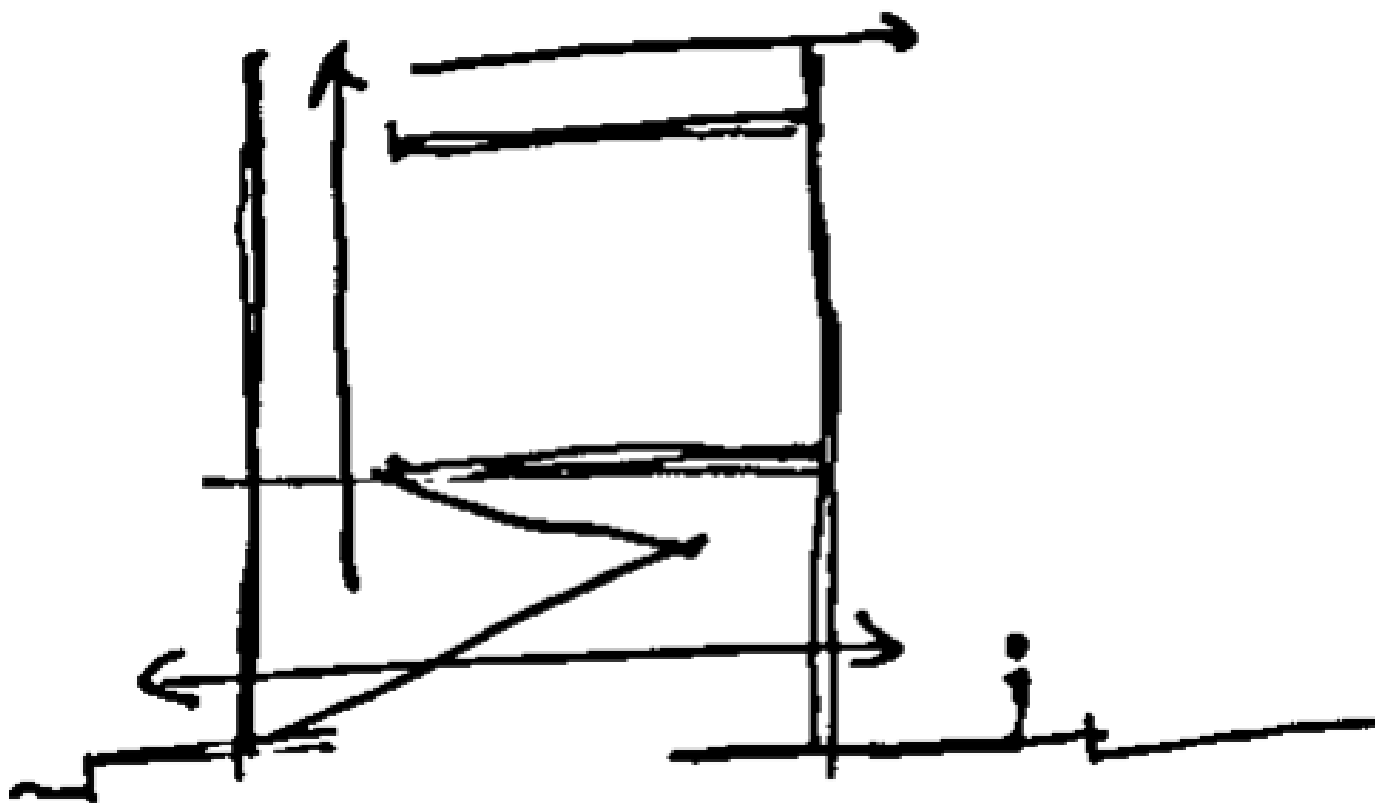
A rua tem uma forte potência que atrai e permite dinâmicas da vida cotidiana a qual atravessa o campo da subjetividade, com isso, o ensaio *transpassar* sinaliza a possibilidade promissora de conectar as ruas e abrir o lote, buscando a essência para o espaço de abrigar, desse *imã* que a rua tem.

t r a z e r   a   r u a   p a r a   d e n t r o   d o   l o t e



Nesse ensaio tipológico de um espaço de abrigo vertical dentro do traçado urbano, a questão do *dentro x fora* aparece como motriz do pensamento projetual e tentar romper com os limites através da abertura do vão no térreo e acesso ao edifício. Pela escala do volume, a necessidade de *trazer a rua para dentro do lote* aparece quase como uma função vital para manter uma sensação de pertencimento ao lugar.

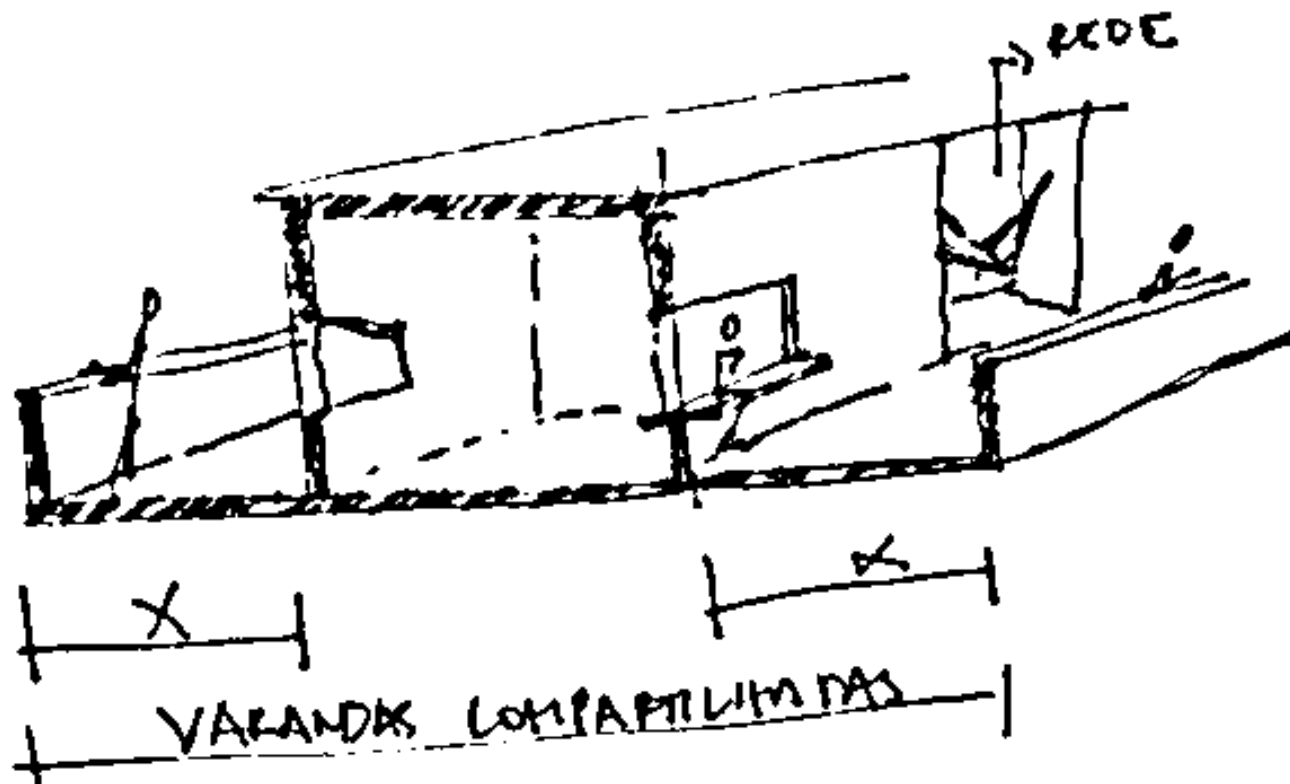
## circular livre



O corte do ensaio tipológico vertical, exprime uma das principais características da rua, *circular livre*. Além disso, o ensaio explora a transição livre no eixo horizontal e vertical.

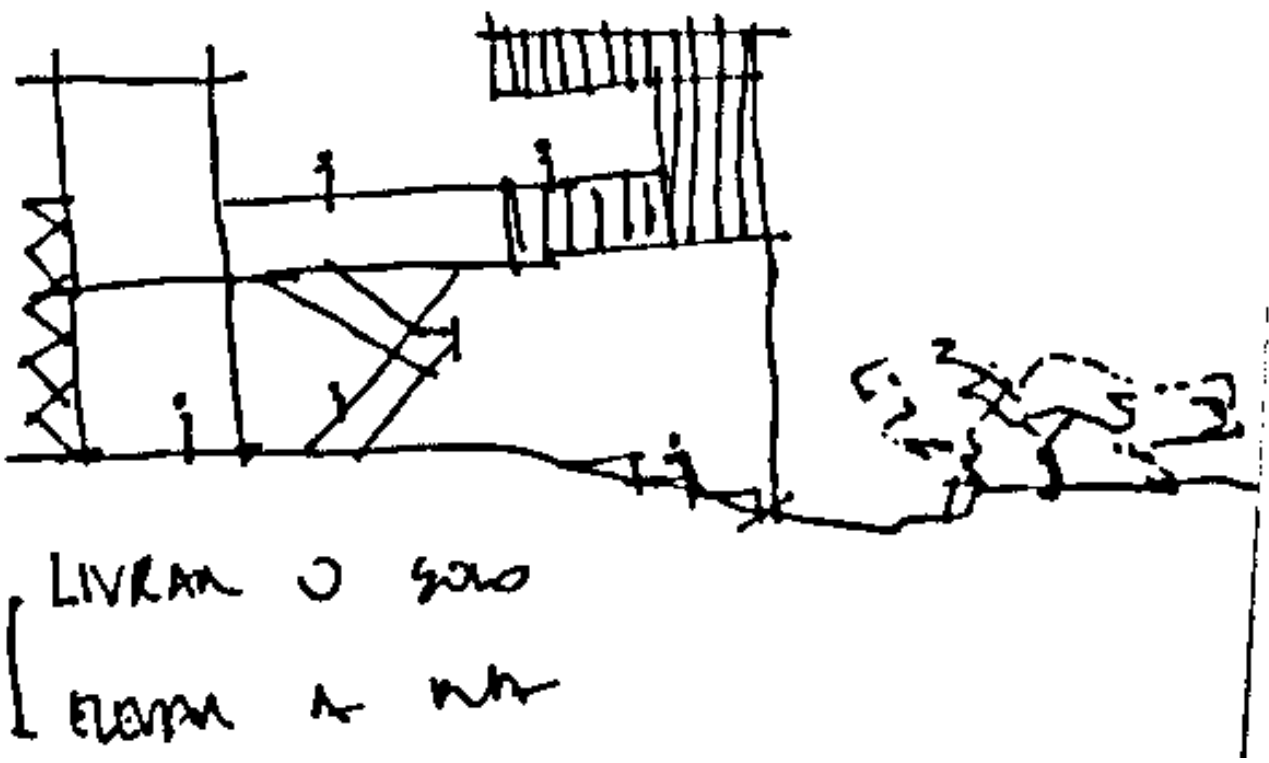


captura da dinâmica da rua



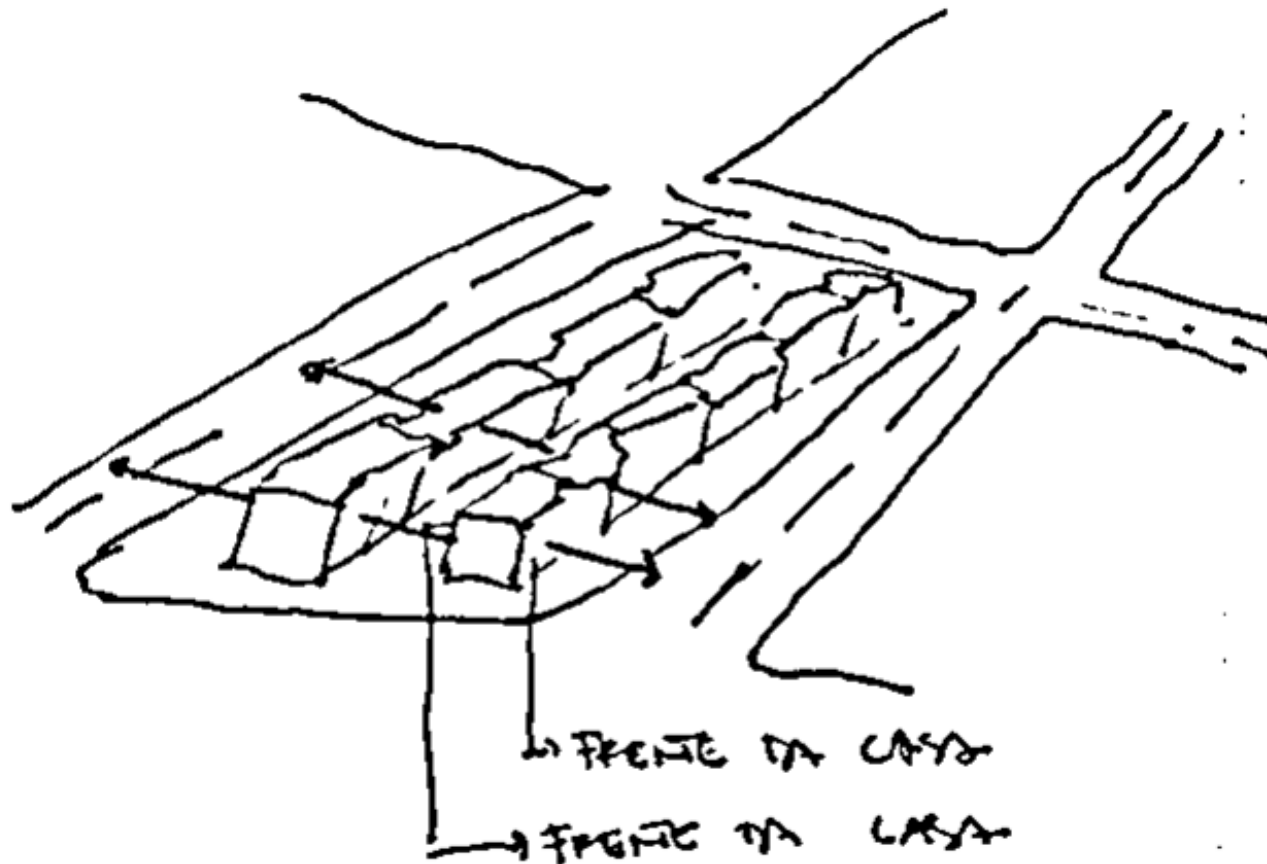
Uma das características marcantes sobre a dinâmica de vidas nas ruas é a relação de coletividade. Pensando em um possível ensaio projetual de habitação coletiva, as varandas compartilhadas poderiam ser um forte caminho para *captura da dinâmica das ruas*.

l i v r a r   o   s o l o ,   e l e v a r   a   r u a



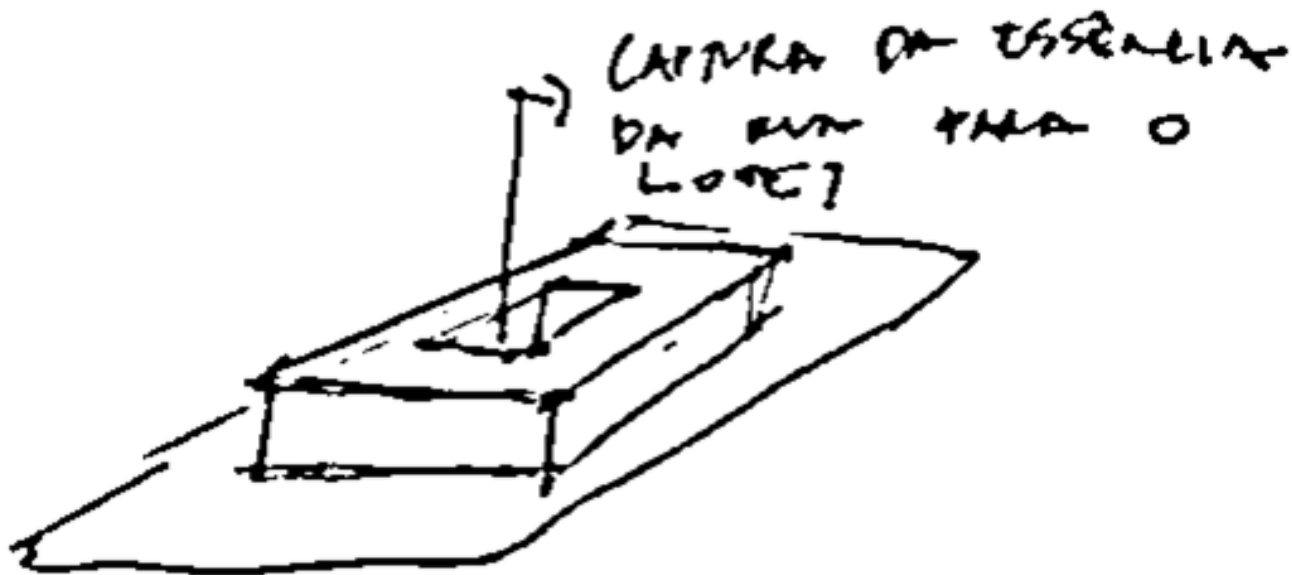
*Livrar o solo, elevar a rua é sobretudo uma crítica ao atual sistema de organização e manejo de parcelamento do solo e da propriedade privada.*

# romper com os limites



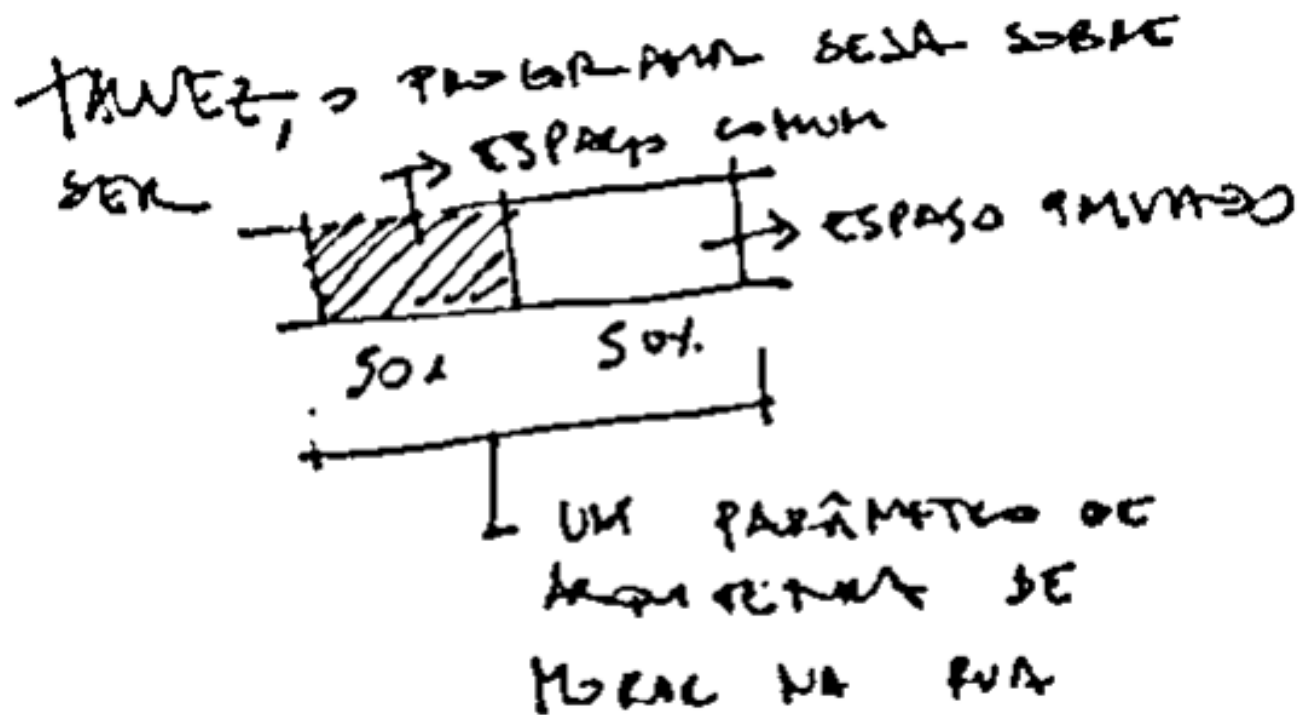
A atual malha e parcelário urbano das cidades de modo geral, estabelece uma lógica restrita ao limite do lote, que pensa o espaço construído em três faces: fachadas, laterais e fundo. O ensaio *romper com os limites* caminha no sentido do questionamento dessa organização e visa criar maior interatividade entre um possível abrigo construído e a vizinhança. As questões levantadas nesse ensaio é a própria configuração da cidade e a arquitetura, cada vez mais cercada, com muros mais altos, maior sensação de insegurança, medo do outro e conseqüentemente um desenho urbano que potencializa a segregação espacial.

## em busca da essência da rua



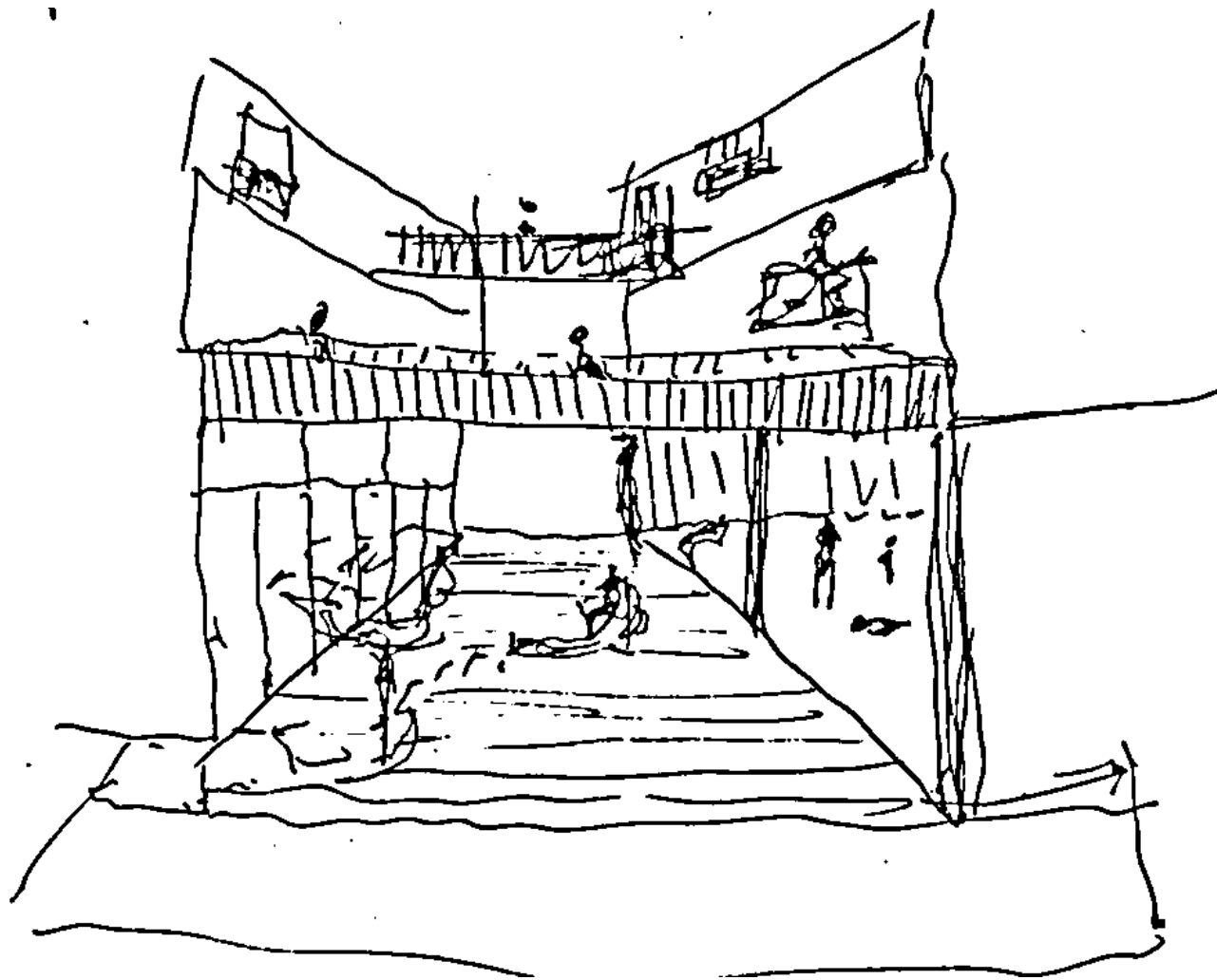
*Em busca da essência da rua, talvez seja uma das questões base para os ensaios projetuais de pensar o abrigo para quem mora na rua. A partir da questão da busca dessa essência atrelado ao pensamento formal, as superquadras, que abre um pátio central, parecem caminhar nesse sentido de romper limites e estabelecer novas dinâmicas.*

## o coletivo e a rua



Além da abordagem formal do ensaio projetual, outras questões arquitetônicas podem ser exploradas, como a relação programática desse abrigo. No ensaio ao lado, a movimentação do pensamento arquitetônico trás a reflexão do quanto *o coletivo e a rua* estão em uma relação de simbiose e dessa forma faria sentindo que numa escala de programa de projeto a porcentagem do espaço comum tenha tanto peso quanto os espaços de uso privado. As anotações do ensaio sinalizam um possível parâmetro para o projeto.

## diversidade de usos



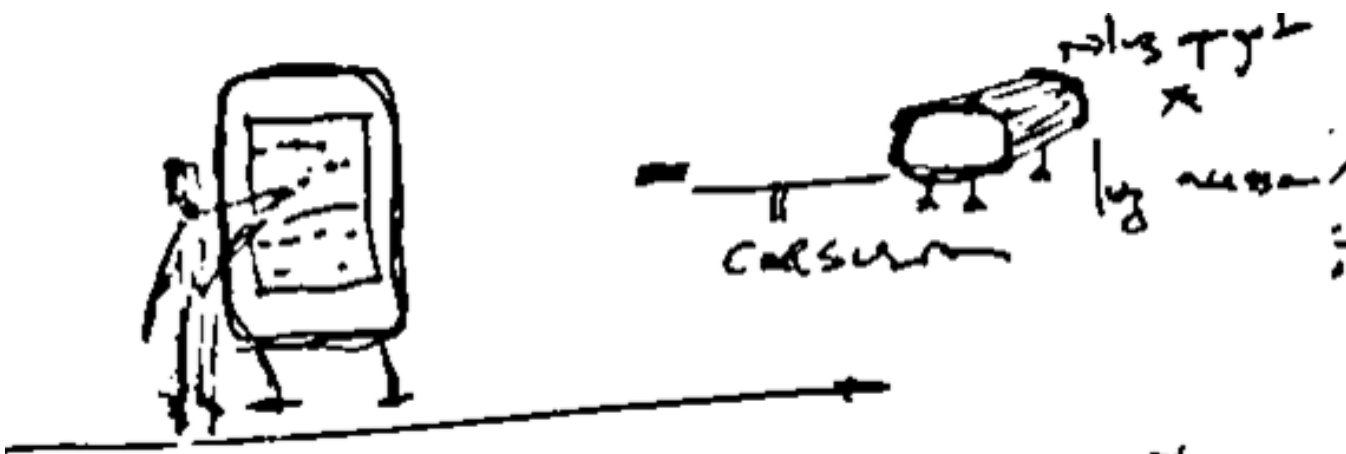
O abrigo para as pessoas que moram na rua, não precisa ser isolado. Nesse sentido, *a diversidade de usos*, é um interessante artifício que promove a vitalidade do espaço e a integração entre diferentes grupos na cidade. Esse ensaio explora a conexão entre uma quadra, a oferta de comércio do lado esquerdo no térreo, um grande pátio para atividades diversas, e em cima possíveis espaços mais privativos de descanso com conectividades que estimulam a coletividade.

## unidade autônoma



*Unidade autônoma*, explora o cerne da questão primária do abrigo: proteger-se dos intemperes. Além disso, visa uma possibilidade de abrigar-se de forma livre e não burocrática, garantido um espaço coberto, aquecido e imediato para a necessidade de resguardar o corpo humano. Na escala do equipamento urbano, é a oferta da arquitetura para servir a cidade e visa o uso por diferentes grupos que tenham a mesma necessidade.

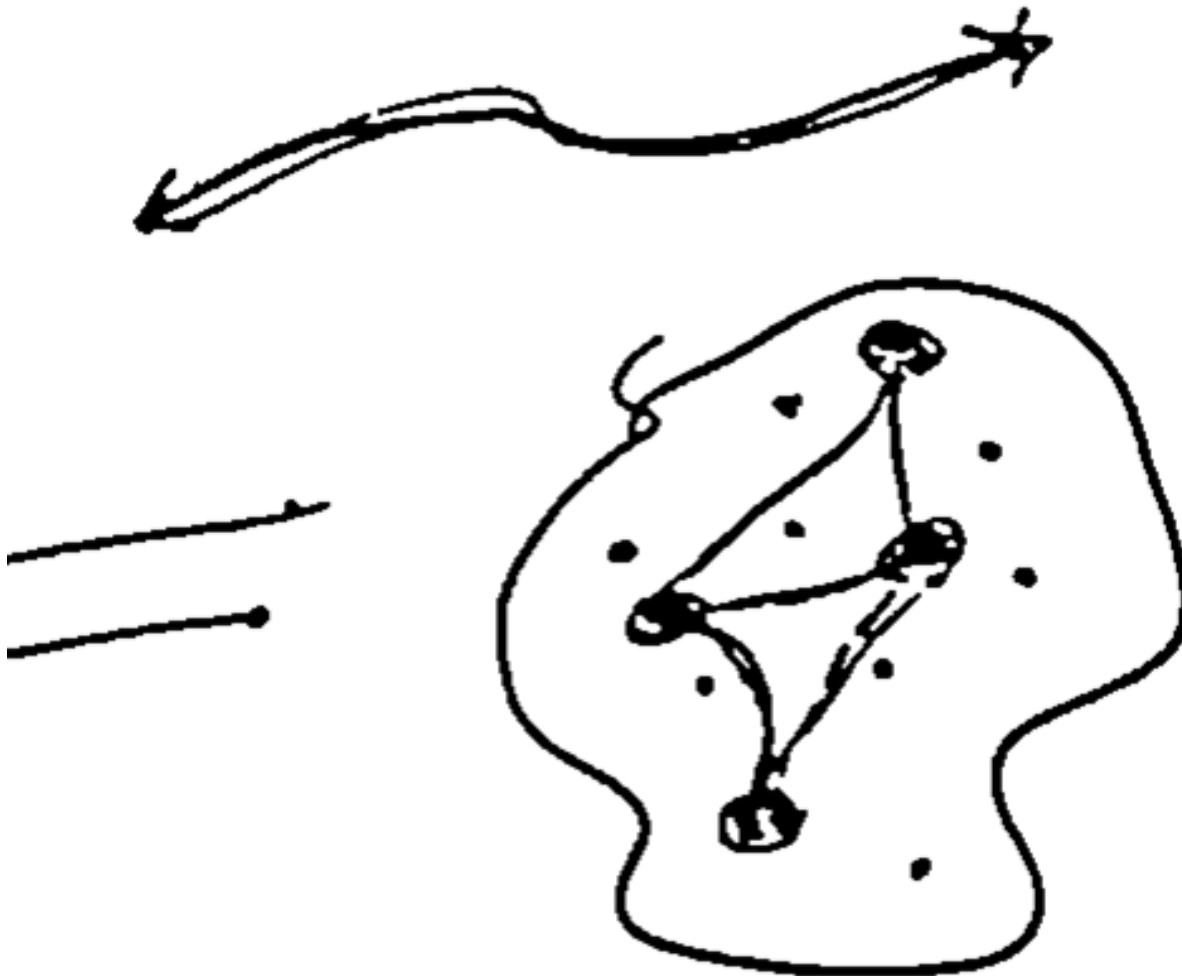
# abrigar tech



A fim de otimizar o fluxo e acesso desses espaços autônomos, a utilização vinculada a meios tecnológicos parece ser um interessante artifício para otimizar o uso do equipamento. Democratizar inovações tecnológicas para diferentes classes faz do *abrigar tech* também um ensaio de protesto. No croqui ao lado, pensou-se a consulta em um painel digital sobre as cápsulas disponíveis na cidade, assim como, um esquema estético na própria capsula que identifica-se, se a capsula está em uso ou não, através da luz apagada ou acesa que reflete no exterior da capsula. Outro sistema de automação pensado foi o acionamento de higienização que fornecesse uma limpeza rápida preparando o espaço de abrigo temporário e rotativo para a próxima pessoa.



## s i s t e m a   e m   r e d e



Algumas características ressaltam-se no diagnóstico e aproximação da área temática sobre o *morar na rua*. A nível do planejamento, em uma escala macro, pensar um *sistema de rede*, completa o deslocamento e características desse grupo: o não possuir um lugar fixo de moradia. Há aqueles que de fato desejem a posse, mas também os que vivem e circulam como estilo próprio de vida. O ensaio caminha no sentido de legitimar o morar fora do lote e o movimento de deslocamento.